

PAULA MARCHI SENATORE (de *Poemas da Ausência*. Inédito)

I

Não reconheci
o gosto da água.
Saturada de todos os lastros
não soube
do gato os seus olhos.
Recomeçar é desfazer os ninhos da casa.

II

Pelas aves, os caminhos.
insuspeita conclusão
das avós tristes.
Elas souberam do muito pequeno
mas já o escreveram,
esqueceram-se.
E, hoje, pó no retábulo,
ainda que limpo.
Circunstâncias.
Amarelo nos olhos.
E, enfim, tarde.
Escurece aos poucos,
E o dia logo vem

III

Soube que seu calor era de calor
maior que o meu.
Tive pena, mas não pude nada.
Abanar-me as pernas,
esperar que venha logo
Ou fundar uma nova era!
Que homem roubará dos deuses o gelo?

IV

Crescem guaritas
nos meus olhos.
Há muito não vejo rosas aqui.
Aéreos os crimes virão.
Miseráveis os crimes virão.
Miseráveis deixarão seus sonhos
num guarda-níquel.
Os servidores da obrigatoriedade
rirão cegos.
(Com suspeita esboçam-se
os únicos capazes de apurar os riscos.)

Está suspensa a hipótese.

A traição das lanças esguias,
sincrônicas e fiéis.
Lições da tragédia grega
Recolhida no sofá.

V

Mergulhei o tempo na tua ausência
-ele disse-
e foram fibras nodosas daquela haste
a pausa para o pensar cansado.
É. Somos. Seremos sempre.
Ainda que resmunguem nossos ossos
As bandeiras e as casas, supostas e inertes.

Já fui pássaro.
E serei concha
Mais uma vez.